

As relações de poder na produção jornalística sobre C&T: análise do discurso de textos veiculados em periódicos da região de fronteira do RS¹

Phillipp Gripp²
Joseline Pippi³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

A partir das especificidades da produção do Jornalismo Científico, consideramos de que forma as relações de poder interferem no discurso noticioso sobre Ciência & Tecnologia (C&T). Para entendermos como isso ocorre, ancoramo-nos na corrente francesa de Análise do Discurso como metodologia perscrutiva para desvendar as finalidades de textos que abordam a temática científica em sete jornais da região de fronteira oeste e sul do Rio Grande do Sul, publicados durante o ano de 2010. O trabalho evidenciou a existência de três novos formatos jornalísticos: o Colunismo Social Científico (gênero informativo), o Relato de Curiosidade e Informação Prescritiva (ambos do gênero utilitário).

Palavras-chave: Jornalismo Científico; Relações de poder; Fronteira; Análise do discurso; Gêneros jornalísticos.

1. Ciência & Tecnologia (C&T) em pauta

Cientistas e jornalistas trabalham com instâncias diferenciadas na busca da verdade. Considerando especificidades de saberes, fazeres e procedimentos éticos, técnicos e estéticos de ambas as profissões, cada uma produz discursos cujo principal objetivo é ser confiável. Quando pensamos a respeito do produto proveniente da relação entre as duas instâncias (as notícias científicas), os meandros discursivos precisam ser analisados e compreendidos a partir de seu aspecto relacional, buscando perceber o caráter das informações produzidas.

É preciso apreender que o Jornalismo Científico apresenta singularidades na abordagem textual e no processo de produção, a exemplo da compreensão de termos técnicos de distintas áreas científicas, que geralmente não fazem parte da rotina do jornalista, o qual precisa *ressignificar* (PIPPI, 2005) a linguagem para melhor assimilação pelo leitor.

Assim, apoiamo-nos numa discussão teórica, a partir dos apontamentos de Bueno (1988; 2010), Epstein (2002; 2012) e Hernando (1977), visando a uma distinção conceitual entre Comunicação Científica (Intrapares e Extrapares), Divulgação Científica e Jornalismo

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa - 2014). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do GP Comunicação, Ciência & Tecnologia e Sociedade (Unipampa) e do GP Comunicação, Identidades e Fronteiras (UFSM). E-mail: phidgripp@gmail.com.

³ Orientadora deste trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Unipampa, Doutora em Extensão Rural pela UFSM e líder do GP Comunicação, Ciência & Tecnologia e Sociedade (Unipampa). E-mail: josipippi@gmail.com.

Científico para compreendermos as formas como cada um se estabelece em relação aos seus receptores, cumprindo objetivos distintos e atingindo públicos específicos.

Essas considerações nos permitiram vislumbrar uma aproximação teórica entre os conceitos de Comunicação Primária e Comunicação Secundária (EPSTEIN, 2002; 2012), e os níveis de difusão das informações *para especialistas* e *para o público em geral* (BUENO, 1988), respectivamente. Ambos se baseiam no receptor da informação para determinar as respectivas terminologias. Destinam a Comunicação Primária e a *difusão para especialistas* aos indivíduos que já têm conhecimento prévio sobre o assunto, sem necessidade de explicações sobre termos técnicos e conceitos. Logo, a Comunicação Secundária e a *difusão para o público em geral* são destinadas a não especialistas, ao público leigo, aos analfabetos científicos.

Nesse sentido, a Comunicação Científica e a Disseminação Científica são vistas como sinônimos, como uma produção intrapares, de especialista para especialista, sem preocupações com a *ressignificação* e (de)/(re)codificação linguística. A Divulgação Científica é um produto que transmite informações sobre C&T numa linguagem inteligível e que possibilita que o receptor compreenda o assunto abordado. O Jornalismo Científico é uma produção sobre C&T que prima pelas especificidades da prática jornalística atendendo a objetivos e funções próprios (HERNANDO, 1977), a fim de democratizar o conhecimento.

Sustentamos, assim, o princípio de que todo produto de Jornalismo Científico é, necessariamente, um trabalho de Divulgação Científica, considerando que ambos primam pela compreensão do assunto abordado por parte de receptores leigos. Ressaltamos, contudo, que a recíproca nem sempre é verificável: a Divulgação Científica pode ser realizada sem obedecer aos critérios do Jornalismo Científico já que este se atém a um produto midiático.

2. A presença das relações de poder no noticiário sobre C&T

A produção do Jornalismo Científico depende, primordialmente, da relação entre jornalista e cientista, a qual, por vezes, é problemática. Consideramos que a relação entre jornalista e cientista se estabelece numa perspectiva de “moeda de troca”: enquanto o jornalista necessita das informações cedidas pelo pesquisador, este almeja a visibilidade proporcionada pela esfera midiática, da qual o jornalista é responsável. Os constrangimentos se tornam notórios durante a produção jornalística, em que as relações de poder se apresentam como variável inerente e balizadora ao discurso proveniente.

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem

funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (FOUCAULT, 1979, p. 179).

Pela perspectiva de Foucault o poder não se define numa validade de posse, não é possível a um sujeito ter o poder, pois ele se configura em conjunto às relações e nunca individualmente. Não se poderia desempenhar o poder de forma isolada, logo, não se poderia deter um poder. Parte-se do princípio que ele não é exercido sobre os indivíduos: o seu exercício não deve ser encarado como “o poder de quem?”, mas como “o poder que originará qual discurso?”. As relações de poder são consideradas como um conjunto de ações que não têm como objetivo central chegar a um fim, pois, ao cumprir com uma finalidade, encerra as possibilidades de relações. Isso porque, “de modo geral, eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 1979, p. 236).

Os indivíduos e suas instâncias se inserem nas relações de poder sem, muitas vezes, perceberem que estão envolvidos e submetidos a elas ou quais seus efeitos sobre eles. Elas se engendram ao ser a partir de valores e crenças do sujeito, que definem suas escolhas e elucidam a ele aquilo pelo que se luta. Entretanto, não se deve atribuir às relações de poder uma propriedade negativa, já que são elas que concebem a sociedade numa base de troca entre indivíduos, seja ela igualitária ou não, em proporção.

Partimos do princípio de que o material jornalístico na Divulgação Científica prima por ser um instrumento essencialmente informativo e que sua linguagem permite um contexto que possibilita promover a educação junto ao público-leitor. Além disso, percebemos que os cientistas também se relacionam com a educação, já que eles são contratados por instituições de ensino para docência e produção de suas pesquisas, cujos resultados são produtores de conhecimento, dos quais derivam novos saberes e processos educativos.

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1996, p. 43-44).

Logo, entendemos que educar também se caracteriza como um instrumento das relações de poder, pois o emissor do processo comunicativo constrói um discurso educativo a partir de suas escolhas e crenças, que se originam por permissões e impedimentos e os causam. Cada processo de educação depende de uma transmissão de saberes anterior ao discurso que se produz no presente. Ou seja, a produção de conhecimento e a própria Divulgação Cien-

tífica dependem, antes da criação de um discurso que eduque, do conjunto de uma série de discursos anteriores que também educaram o atual emissor. A Divulgação Científica mascara-se como um sistema totalmente acumulativo, mas que, pelas relações de poder, também se direciona à perda de um conhecimento outro que, por vezes, não é dito, ora por escolha, ora por desconhecimento, causa esta em algum momento determinada pelo primeiro motivo.

Cientistas e jornalistas encontram-se, ainda, em instâncias díspares, relacionadas à verdade, tendo em vista que, segundo Foucault (1979), o poder é intrínseco à verdade, já que ela é produto do mundo em que se vive, idealizada e construída pelo humano, e é (re)produzida devido a diversas coerções, induzindo efeitos regulamentados pelo poder.

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos do poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha (Foucault, 1979, p. 13).

Dessa forma, podemos entender que há conflitos nas relações de poder em detrimento da verdade, ou do discurso encarado como verdadeiro. Por um lado, num primeiro âmbito, os cientistas detêm a verdade relacionada à pesquisa científica; enquanto, num segundo, os jornalistas apresentam a verdade como vigilantes da sociedade (FOUCAULT, 2007) e por demonstrarem credibilidade no seu papel de mediação. Enquanto vigilância, esse desempenho é percebido a partir de uma relação entre as considerações do autor nas análises do sistema penitenciário e a comunicação de massa de acordo com Lopez e Dittrich (2004).

Os receptores atribuem confiança aos jornalistas por acreditarem que eles vigiam a sociedade, estando à espreita de acontecimentos e relatando-os conforme o ocorrido. Porém, é preciso ter em mente que a instância jornalística, assim como a produção de verdades, obedece, de antemão, às relações de poder e, por isso, instala uma disciplina às demais instâncias.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem a função maior de “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais (FOUCAULT, 2007, p. 143).

Assim, os receptores do jornalismo seriam “adestrados” a partir de uma disciplina que implica na ponderação do discurso jornalístico como verdadeiro. Atribuem-se, com isso, a

credibilidade e confiança no discurso, já que, por si só, a ética da própria profissão propõe a construção de discursos que primam pela verdade. Por outro lado, a verdade dos cientistas é percebida a propósito de um caráter historicamente estabelecido na sociedade, que lhes atribui a essência de pesquisadores em busca de sentidos verdadeiros. Com isso, a verdade é relacionada à procura pela verdade, por conta da vontade de sua descoberta.

Nessa perspectiva sobre os intelectuais, Foucault (1996) assimila a vontade de verdade à vontade de saber através de suas características que mudaram historicamente, sendo o discurso verdadeiro, num primeiro momento, aquele realizado por quem teria direito atribuído de fazê-lo, segundo determinadas regras, e, mais tarde, passou-se a considerar como verdadeiro, num discurso, aquilo que é dito, e não mais pela relevância de quem diz ou faz.

Logo, numa sociedade, quaisquer pessoas poderiam dizer uma verdade, entretanto, apesar de ser “sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; [...] não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 1996, p. 35), compreendendo o conceito de polícia, em Foucault, como uma técnica e não como uma instituição do estado. Dessa forma, qualquer um pode dizer a verdade, desde que, para dizê-la, obedeça a determinadas regras para atribuir essa qualidade ao discurso. Percebemos, enfim, que existe uma notória luta “em torno da verdade” por aqueles que cumprem com distintas regras na elaboração de um discurso. As relações de poder entre jornalistas e cientistas se dão por conflitos de verdade dentro de um sistema de educação.

3. Delimitações do corpus para análise

Os jornais de interior têm importância significativa para a população local, com a singularidade de retratar os acontecimentos da cidade onde são produzidos. Como constata Dornelles (2005), os leitores assinantes de jornais locais do interior do Rio Grande do Sul também acompanham outras publicações estaduais, não havendo necessidade dos jornais do interior competirem mercadologicamente com informativos estaduais e/ou nacionais.

Convém perceber que a faixa de fronteira, determinada pela lei nº 6.634, de 02 de maio de 1979, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980, define um filete de 150 km de largura em território nacional. No Rio Grande do Sul 182 municípios integram a faixa, abrangendo 10% de todas as cidades de fronteira do país, sendo o estado com o maior número de municípios fronteiriços do Brasil, totalizando 39% das cidades gaúchas, segundo a divisão territorial de 1999, registrada pelo IBGE.

Logo, os periódicos fronteiriços têm importância singular para as sociedades ali estabelecidas. Para se informarem sobre os acontecimentos do município onde vivem, os moradores dependem de uma empresa jornalística e das ponderações desta sobre quais fatos têm relevância a ponto de se tornarem notícia. As problematizações e constrangimentos já relatados intensificam-se nesses jornais, devido suas especificidades. Um dos maiores problemas nessas redações é a falta de qualificação acadêmica dos profissionais, já que “a qualidade do jornal é diretamente proporcional à presença de jornalistas formados” (DORNELLES, 2005, p. 39).

Analisamos neste trabalho o discurso de 35 textos, veiculados durante o ano de 2010, que abordam a temática científica em sete jornais⁴ da região de fronteira oeste e sul do Rio Grande do Sul, apreendendo como as relações de poder, instituídas entre fonte de informação científica e jornalista, interferem na abordagem textual dada às notícias e em seus formatos.

4. Aporte Metodológico

Consideramos a produção jornalística e a informação como discursos construídos que atendem essencialmente às relações de poder. Para tanto, embasando-nos na noção de contrato de comunicação proposta por Charaudeau (2006), tendo em vista que:

Toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação. O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. Eles se encontram na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização de troca linguageira em que estão envolvidos: um *contrato de comunicação*. Este resulta das características próprias à situação de troca, os *dados externos*, e das características discursivas decorrentes, os *dados internos* (2006, p. 68).

Neste sentido, a percepção dos dados externos e internos ao texto foi essencial na análise das matérias. Charaudeau (2006) os diferencia explicando que os dados externos são “constituídos pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e pelas constantes que caracterizam essas trocas e que permanecem estáveis por um determinado período (...). Esses dados não são essencialmente linguageiros” (2006, p. 68). Os dados internos são essencialmente discursivos, possibilitando entender como o discurso é dito.

Portanto, foram consideradas as condições de identidade (quem diz e para quem), finalidade (para quê se diz), propósito (o que se diz) e de dispositivo (em que condições se diz),

⁴ Os jornais escolhidos são os mais antigos ainda em circulação em cada cidade. A saber: o trissemanal *Jornal Cidade*, de Uruguaiana (fundado em 1991); o diário *Jornal Minuano*, de Bagé (1994); o diário *A Plateia*, de Santana do Livramento (1937); o bissemanal *Folha de São Borja*, de São Borja (1970); o trissemnal *Ponche Verde*, de Dom Pedrito (1932); o semanal *Nossa Época*, de Itaqui (1988); e o semanal *Gazeta de Caçapava*, de Caçapava do Sul (1999).

ligados aos dados internos, e os espaços de locução (justificativa pela qual o emissor se impôs como sujeito falante), relação (como as relações entre emissor e receptor estão estabelecidas e se apresentam no texto) e tematização (e de que forma o assunto tratado no texto é organizado), atrelados aos dados externos.

A identificação das características dos dados externos é necessária para posterior análise dos dados internos, já que estes estão diretamente relacionados ao discurso. Partimos da proposta de agrupamento das matérias pela percepção das condições dos dados externos:

- a) a condição de Identidade se apresenta numa comunicação realizada de: *Especialista para leitor interessado*, quando o texto é assinado por um conhecedor da área científica do assunto retratado e restrito a um público particular, seja pela sua relação temática específica ou pelo discurso não ser compreendido por leigos, tendo em vista o uso de terminologia técnica; ou *Especialista para leitor geral*, quando o texto assinado pelo conhecedor da área pode ser de interesse e compreendido por qualquer pessoa; ou *Jornalista para leitor interessado*, quando o texto não é assinado (subentendendo-se que foi produzido pela equipe de redação, a partir de entrevistas com especialistas) e é restrito a um público particular, pela relação temática e/ou compreensão linguística; ou *Jornalista para leitor geral*, quando o texto não é assinado e pode ser de interesse e compreendido por qualquer leitor.
- b) a condição de Finalidade foi percebida a partir das visadas propostas por Charau-deau (2006), a saber:

(...) a prescritiva, que consiste em querer “fazer fazer”, isto é, querer levar o outro a agir de determinada maneira; a informativa, que consiste em querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo; a incitativa, que consiste em querer “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do *páthos*, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável (2006, p. 69);

- c) a condição de Propósito foi constituída como um resumo sobre o que, afinal, o texto expõe, no intuito e perceber o tema geral retratado em poucas palavras.
- d) a condição de Dispositivo se delimita ao suporte do *corpus* analisado, e buscou determinar o lugar de fala do emissor da informação, possibilitando duas posições: *Emissor em posição de especialista no assunto fala através de mídia impressa* e *Emissor em posição de mediador sobre o assunto fala através de mídia impressa*.

Logo, a partir da percepção das características das condições de dados externos, as matérias foram submetidas à análise de dados internos, para compreendermos o discurso e tam-

bém organizá-las em grupos com características semelhantes. Para a delimitação dessas características foi realizado um pré-teste da metodologia de análise com dez matérias, dentre os sete jornais, escolhidas de forma aleatória, as quais foram excluídas da análise que este trabalho expõe. Esta etapa de análise possibilitou apreender as seguintes características:

a) Espaço de Locução:

- Visibilizar o *acontecimento*: a temática científica é atrelada ao acontecimento ou é utilizada para explicá-lo (o acontecimento, aqui, é o valor-notícia evidenciado);
- Visibilizar o *indivíduo*: a temática científica se apresenta no texto em decorrência da personagem;
- Visibilizar o *conhecimento*: a temática científica é utilizada para possibilitar a propagação de um conhecimento específico com a intenção de auxiliar o leitor.

b) Espaço de Relação:

- Relação de *Desconhecimento* (desconhecido): o discurso evidencia um acontecimento que se refira à temática científica;
- Relação de *Expectativa* (aguardado): o discurso se refere a uma situação que já causou impacto no organismo social e necessite de uma explicação científica;
- Relação de *Aplicabilidade* (aplicável): o discurso se refere a uma informação ou conhecimento científico do qual o receptor poderá se utilizar posteriormente;
- Relação de *Curiosidade* (curioso): o discurso não apresenta valor-notícia perceptível e se propõe a relatar um conhecimento que desperte curiosidade no leitor, sem o intuito de prescrever uma orientação.

c) Espaço de Tematização:

- As características de Tematização são estabelecidas a partir da *posição* do emissor acerca da informação retratada (*consentimento jornalístico* ou *proposição* de especialista ou, ainda, *consentimento jornalístico de proposta* especializada), sua *função* mais evidente (proporcionar ao leitor uma *informação* ou uma *utilidade*), a *área do conhecimento* sobre a qual a informação científica está inserida e determinando, por fim, se a linguagem utilizada é *inteligível*, *medianamente inteligível* e *não inteligível*, por um público leigo à temática.

A partir da identificação das características discursivas dos dados Externos e Internos, a análise se debruçou em agrupar os textos com particularidades semelhantes para avaliar as marcas discursivas das matérias, com a intenção de compreendê-las em grupos de formatos jornalísticos relativos a gêneros específicos. Compreende-se que a existência dos formatos

encontrados se dá em decorrência da regularidade com que as marcas discursivas se apresentam nos textos analisados, tendo em vista que:

(...) é possível determinar formas textuais dominantes com o auxílio de certo número de traços que as constituam de maneira ideal, e que constituam modelos de escritura nos quais venham moldar-se os textos. É a regularidade e a convergência desses traços numa determinada situação de comunicação que constituem o gênero (CHARAUDEAU, 2006, p. 234-235).

Nesse sentido, consideramos a classificação de gêneros (Informativo, Opinativo, Interpretativo, Utilitário e Diversional) baseados em Marques de Melo e descrita por Costa (2010), salientando a possibilidade de encontrarmos, com a análise, a existência de novos formatos jornalísticos específicos ou não à temática científica. Evidenciamos, assim, como os textos sofrem interferência das relações de poder entre jornalista e cientista, percebendo a quais marcas discursivas são atribuídas maior visibilidade, resultando em abordagens textuais e formatos jornalísticos específicos.

Cinco matérias⁵ de cada periódico foram selecionadas dentro de um universo de 468 entradas⁶, sendo a amostragem constituída aleatoriamente (não estatística). A análise, portanto, foi compreendida em três etapas: 1) organização das matérias através da percepção de características de dados Externos e Internos semelhantes; 2) análise das marcas discursivas dos grupos organizados pela semelhança encontrada na primeira etapa; e, finalmente, 3) enquadramento e constituição de gêneros e formatos jornalísticos a partir das análises realizadas na segunda etapa. Salienta-se que os títulos e trechos das matérias foram transcritos, neste trabalho, tal quais os textos originais, logo, eventuais erros foram mantidos.

⁵ Os títulos das matérias, veiculadas durante o ano de 2010, atendem à sequência de enumeração em ordem crescente antecedida pela letra “T” (Texto): *Jornal Minuano*: [T01] “Seios: aumentar ou diminuir?” (data de veiculação: 12/01), [T02] “Instituto recruta voluntários para testar vacina contra gripe A” (26/01), [T03] “Que calor é esse? Meteorologistas preveem chuva acima da média para fevereiro” (02/02), [T04] “Fibras solúveis no tratamento da doença hepática gordurosa não alcoólica” (08/08), [T05] “Embrapa apresenta tecnologias em Esteio” (27/08); *Gazeta de Caçapava*: [T06] “Projeto Alto Camaquã tem Dias de Campo” (08/01), [T07] “Combate à febre amarela em Caçapava é tema de artigo em revista nacional” (29/01), [T08] “Por que a Terra treme” (05/03), [T09] “Um novo conceito no tratamento da coluna: quiropraxia” (04/06), [T10] “O sono dos adolescentes” (12/11); *Ponche Verde*: [T11] “Retarde o envelhecimento comendo uma castanha por dia” (27/02), [T12] “Professor da Unipampa tem projeto aprovado pela Fapergs” (17/07), [T13] “Conjuntivite” (27/08), [T14] “Professor da Unipampa participa de missão científica na Rússia” (11/09), [T15] “Quem dorme menos engorda mais” (15/09); *Nossa Época*: [T16] “Clima sofrerá influência do El Niño até abril” (30/01), [T17]: “Aproveite o sol sem queimaduras” (20/02), [T18]: “Mantida a estratégia para combater o *Aedes aegypti*” (27/02), [T19]: “Arroz: movimentações cresceram 10% sobre julho” (08/09), [T20]: “Tempo seco” (25/09); *A Plateia*: [T21]: “Chuva e calor favorecem aparecimento de mofo branco na lavoura de soja” (19/02), [T22]: “Incêndio no Butantã espalha marcas também em Livramento” (23/05), [T23]: “O olhar debruçado do sociólogo sobre Sant’Ana do Livramento e sua gente” (30/05), [T24]: “Advogado de Livramento cursa Doutorado em Ciências Jurídicas” (12/07), [T25]: “Um bicho que apavora muitas pessoas” (15/11); *Folha de São Borja*: [T26] “Pesquisadores da Unipampa preparam viagem de volta da Antártica” (03/03), [T27]: “Apitoxina – Veneno que cura ou mata? (I)” (10/03), [T28]: “Evolução da medicina” (16/10), [T29]: “Acadêmica de Biologia da Urcamp selecionada para projeto Tamar, em São Paulo” (30/10), [T30]: “Urcamp analisa água do rio Uruguai usando o teste ‘Allium Cepa’” (29/12); *Jornal Cidade*: [T31]: “Anvisa: pimentão lidera ranking do agrotóxico” (26/06), [T32]: “Amendoim pura proteína” (29/06), [T33]: “Primeiro feijão transgênico do mundo é brasileiro” (17/08), [T34]: “Uruguaianense estuda a evolução da parasitologia e práticas ecológicas” (28/08), [T35]: “Pesquisadora do Irga recebe Troféu Destaque Feminino Rural (09/12).

⁶ Destas 468 entradas 47 são do *Jornal Minuano*, 32 da *Gazeta de Caçapava*, 30 do *Ponche Verde*, 09 do *Nossa Época*, 84 do periódico *A Plateia*, 89 da *Folha de São Borja* e 177 do *Jornal Cidade*.

5. Análise das marcas discursivas e formatos jornalísticos

A partir do agrupamento de matérias⁷ com características semelhantes, este capítulo é dividido em itens que compreendem os formatos jornalísticos percebidos durante a análise discursiva. Para tanto, foram transcritas partes dos textos que possibilitam demonstrar as características discursivas dos dados internos. Salientamos que os formatos encontrados se referem aos periódicos que montam o *corpus* de análise, podendo ser ou não evidenciados em outros jornais. Para tal percepção novas pesquisas ainda precisam ser realizadas.

5.1 Indicador (gênero utilitário)

O formato Indicador se baseia na publicação de dados importantes para que os indivíduos possam tomar decisões em seus respectivos cotidianos. Percebemos marcas discursivas deste formato específico expressas em textos que tratam sobre previsões meteorológicas a partir de informações científicas, como por exemplo: “A previsão para o mês de fevereiro, segundo os meteorologistas é de muito calor e chuvas constantes” [T03], “As previsões divulgadas dia 22, indicam maior probabilidade de chuvas abaixo da média” [T16].

5.2 Roteiro (gênero utilitário)

O formato de Roteiro se refere a informações indispensáveis para possibilitar ao leitor que usufrua determinado consumo. A análise encontrou a sua presença em textos relacionados a eventos de temática científica e de Dia de Campo, nos quais se dão ênfase aos locais de evento e programações, a exemplo de: “(...) Expointer 2010, que acontece de 28 de agosto a 5 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio” [T05], “(...) farão outros sete dias de campo em Candiota, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista. A atividade desenvolvida em Unidades Experimentais de Pesquisa Participativa, é voltada a pecuaristas familiares da região do Alto Camaquã” [T06].

5.3 Cotação (gênero utilitário)

O formato de Cotação é relacionado a informações sobre a variação de dados específicos a diferentes mercados, como monetário, agrícola e terciário. Durante a análise ele se fez presente pelas mudanças em dados da área agropecuária. Por exemplo: “No primeiro semestre de 2009, as movimentações de arroz no Rio Grande do Sul atingiram 3,5 milhões de tonela-

⁷ A totalidade dos exemplos de matérias foi sintetizada, tendo em vista o limite de espaço estabelecido para este trabalho, o que está quantificado durante a discussão analítica.

das, mas deve-se considerar que em igual período, as exportações alcançaram um montante superior a 2010, em torno de 300 mil toneladas, o que justifica a redução das movimentações, em igual período, em 2010” [T19].

5.4 Notícia (gênero informativo)

O formato de Notícia se refere a um relato integral sobre um acontecimento que já eclodiu na sociedade, respondendo, necessariamente, às perguntas: que?; quem?; quando?; como?; onde?; por que?. O formato foi encontrado principalmente quando relacionado a acontecimentos científicos ou quando um acontecimento necessitava de uma explicação científica, como por exemplo: “Começou esta semana o recrutamento de voluntários para testar a vacina que será produzida no País pelo instituto Butantã contra o vírus da Influenza A (H1N1)” [T02], “A Embrapa desenvolveu o primeiro feijão transgênico do mundo. A variedade, resultado de 20 anos de pesquisa, é resistente ao vírus do Mosaico Dourado, que destrói plantações em todo o país” [T33].

5.5 Relato de Curiosidade (gênero utilitário)

A análise discursiva possibilitou percebermos o formato Relato de Curiosidade, que se caracteriza por uma informação com teor científico que supra uma curiosidade e/ou dúvida que se presume existir por parte do leitor. Não existe uma preocupação no discurso presente neste formato com os valores de notícia ou com relação a um acontecimento em particular, preocupando-se, apenas, em exaltar conhecimentos supostamente desconhecidos pelo receptor. Foi possível percebê-lo em textos de caráter essencialmente utilitários, no sentido de que parte de uma finalidade relacionada ao entretenimento, tornando-se um suporte para compreender possíveis dúvidas. Por exemplo: “Conforme o professor de Geofísica da Unipampa, Manuel Ivan Zevallos Abarca, o fenômeno acontece porque o contato entre as placas tectônicas e o deslocamento de suas camadas provoca uma forte pressão nas rochas” [T08], “As maiores aranhas podem chegar a 75 mm de comprimento, com envergadura de patas de cerca de 255mm. As fêmeas costumam ser maiores” [T25], “Foi após a dissecação de cadáveres que a anatomia humana foi estudada e deu oportunidades para a prática da cirurgia” [T28].

5.6 Informação Prescritiva (gênero utilitário)

O formato de Informação Prescritiva foi percebido pela análise, caracterizando-se como também aliada à curiosidade do receptor, mas com a ênfase diferencial de indicar ao leitor as causas de um possível acontecimento e, com isso, instituir os melhores procedimentos a

serem tomados para benefício do indivíduo. A percepção do formato foi possível a partir de textos, principalmente, com recomendações relacionadas à área da saúde. Por exemplo: “A pessoa com conjuntivite tóxica deve se afastar do agente causador e lavar os olhos com água abundante” [T13], “O filtro solar deve ser passado no corpo e no rosto 20 minutos antes da exposição ao sol (...); É aconselhável o uso de chapéu e boné” [T17], “Saiba o que fazer para que a baixa umidade do ar não prejudique sua saúde” [T20].

5.7 Colunismo Social Científico (gênero informativo)

O formato de Colunismo Social Científico foi percebido pela análise sendo caracterizado pela ênfase atribuída de forma excessiva ao pesquisador, no intuito de beneficiá-lo, claramente, pela visibilidade, utilizando-se de adjetivos que exaltam direta ou indiretamente a personagem científica. A incidência do formato partiu pela apreensão de que a figura do pesquisador se sobrepõe ao seu trabalho ou ao acontecimento científico, possibilitando discorrer sobre aspectos de sua vida pessoal, viagens ao exterior e aprovações, sem preocupação em discorrer sobre o trabalho realizado. A exemplo de: “O professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus de Dom Pedrito, Paulo Rodinei Soares Lopes, teve um projeto de pesquisa aprovado no edital Auxílio Recém Doutor (ARD), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), com verba que totaliza R\$ 18.908,90” [T12], “Opinião firme, coerência, simplicidade, foco e objetivo. Sinônimos que são facilmente encontrado e aplicados em Fábio Régio Bento, professor adjunto da Universidade Federal do Pampa (Unipampa)” [T23], “Com relevantes contribuições na área da parasitologia, em especial no quesito de ectoparasitas, Gonzales é uma referencia nacional em medicina veterinária, devido aos seus estudos sobre carrapatos e seu controle nos rebanhos bovinos, com inúmeros trabalhos publicados, além de expressiva atuação na formação de recursos humanos” [T34].

6. Discussão analítica e considerações finais

A criação dos formatos de Colunismo Social Científico (atribuído ao gênero Informativo), Relato de Curiosidade e Informação Prescritiva (atribuídos ao gênero Utilitário), foi necessária tendo em vista não apresentarem características discursivas evidentes que possibilitassem o enquadramento nos formatos jornalísticos considerados na obra de Marques de Melo e organizados por Costa (2010), manifestando, ainda, particularidades expressivas que evidenciam a prática jornalístico-científica da região de fronteira do Rio Grande do Sul.

Quantitativamente: dos 35 textos analisados, 17 são do gênero Informativo (seis Notícias e 11 Colunismos Sociais Científicos) e 18 do gênero Utilitário (dois Indicativos, dois de

Roteiro, um Cotação, cinco Relatos de Curiosidade e oito Informações Prescritivas). Num primeiro momento, a expressiva quantidade de textos do gênero Utilitário possibilita evidenciarmos que a organização da prática jornalística relacionada à C&T, na região de fronteira do Rio Grande do Sul, circunscreve-se na constatação de textos que apresentam características muito mais relacionadas ao entretenimento, voltadas direta e/ou indiretamente à prestação de serviços à comunidade, do que aos objetivos de informar, explicar e analisar os acontecimentos a receptores, de formas aprofundadas e com apuração adequada.

Além disso, os textos de utilidade prescritivos, produzidos pelos pesquisadores, atêm-se à particularidade do formato pelo lugar de fala de *especialista* que discorre sobre o assunto numa linguagem, por muitas vezes, ininteligíveis ao público leigo. Esta opção linguageira utilizada culmina na confirmação da característica de quem tem propriedade para falar sobre o assunto, apesar da possibilidade de o leitor não conseguir compreender o discurso.

Enquanto isso, os Relatos de Curiosidade, por não demonstrarem um valor-notícia explícito durante as sequências discursivas e, tampouco, apresentarem uma comprovação de que o saber científico abordado textualmente seria, de fato, buscado pelo receptor, possibilitam considerarmos que essa tipologia de discurso midiático apenas se estabelece partindo de um princípio de relação que confira visibilidade ao cientista.

As análises dos textos enquadrados como Colunismo Social Científico permitem afirmarmos que as informações sobre C&T publicadas nos jornais impressos da região se constituem demonstrando as relações de poder existentes entre jornalistas e cientistas de forma clara, haja vista a visibilidade exacerbada atribuída aos pesquisadores através de adjetivos enaltecedores sobre eles próprios ou seus feitos.

As relações de poder se tornam perceptíveis através das análises discursivas pela apreensão de que as rotinas de apuração e redação, fundamentais para a formação da credibilidade do periódico, não são seguidas à risca, o que é entendido pelo acontecimento científico muitas vezes não ser a matéria-prima da produção. Esses meandros de poder são percebidos como uma censura disfarçada de informação, levando em conta que: 1) a primazia jornalística relacionada à temática científica nos jornais analisados não é, por vezes, relacionada ao acontecimento, mas à própria detenção (enobrecendo a posse) do saber científico e ao próprio indivíduo; 2) o lugar de fala do especialista, em diversos momentos, sobressai-se à competência do jornalista como mediador da informação e tradutor da linguagem científica ao público leigo.

Percebemos que as relações de poder interferem no discurso noticioso analisado. A produção jornalística sobre C&T na região de fronteira do Rio Grande do Sul contribui para um distanciamento dos leitores em relação à temática científica, devido o uso de termos técni-

cos de áreas do conhecimento distintas e à exaltação da personalidade e suas conquistas. Os textos optam por evidenciar os indivíduos ao invés dos acontecimentos e conhecimentos. Nestes jornais o indivíduo, além da possibilidade de construir notícia, é a própria notícia.

A análise evidencia, ainda, uma constante na produção jornalística sobre C&T na região: o estereótipo sobre a ciência estar ligada apenas a áreas duras do conhecimento é perceptível quando comparamos a quantidade de textos entre as áreas. Dentre os 35 textos analisados, 14 são da área de Ciências da Saúde, nove de Agrárias, seis de Biológicas, quatro de Exatas e da Terra e apenas uma de Sociais Aplicadas e uma de Humanas, enquanto as áreas de Engenharias e de Linguística, Letras e Artes não foram encontradas. O privilégio dado à veiculação de informações sobre as ciências duras contribui para uma mistificação da C&T de que a produção científica se resume às áreas da saúde e natureza.

Vale salientar que os textos analisados não se enquadram na perspectiva de Jornalismo Científico apresentada neste trabalho, por não obedecerem às funções e objetivos sugeridos por Calvo Hernando (1977) e não contribuírem efetivamente para uma democratização do conhecimento científico. Dessa forma, assinalamos que os textos analisados demonstram uma produção jornalística sobre a temática da C&T, pela veiculação em jornais impressos, mas não condizem ao conceito de Jornalismo Científico.

Enfim, compreendemos que os agentes da produção jornalístico-científica precisam entender as relações de poder que os cercam numa perspectiva que beneficia ambas as partes: aos jornalistas pelas informações credíveis cedidas para a elaboração de notícias e aos cientistas pela visibilidade possibilitada pelos veículos midiáticos. É necessário que as duas instâncias entendam e respeitem os modos de se “fazer saber” provenientes de seus respectivos costumes produtivos: que o cientista não prejudique as formas discursivas utilizadas pelos jornalistas, pois elas existem para que as informações sejam inteligíveis pelos leitores provavelmente leigos, tampouco que jornalistas se deslumbrem com cientistas, considerando-os como prepotentes e detentores de todo o saber. Apenas a partir dessa percepção de benefício mútuo e respeitosa é que também será possível favorecer o receptor da informação com uma produção jornalística capaz de democratizar o conhecimento.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Londrina. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/6761>>. Acesso em 25 nov. 2013.

_____. **Jornalismo científico no Brasil**: aspectos teóricos e práticos. ECA-USP: São Paulo, 1988.

CALVO HERNANDO, Manuel. **Periodismo científico**. Madrid: Paraninfo, 1977.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

DORNELLES, Beatriz. **Características de jornais e leitores interioranos no final do século XX**. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume IV, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dornelles-beatriz-caracteristicas-jornais-leitores-interioranos.pdf>>. Acesso em 20/08/2013.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação da ciência: rumo a uma teoria da divulgação científica. In: **Organicom**, São Paulo, ano 9, n. 16/17, p. 19-38, 2012.

_____. **Divulgação científica** – 96 verbetes. Campinas: Editora Pontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 33. ed. 2007.

IBGE. **Faixa de fronteira**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm?c=3>>. Acesso em 16 fev. 2014.

LOPEZ, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **A mídia brasileira e a noção de poder em Foucault**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-midia-brasileira-Foucault.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2014.

PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação**: interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2005.